

## **KAMP - ENTREVISTA**

**TM** (Theatre Maker, revista mensal holandesa)  
8 de Novembro de 2005

### **Caixas cheias de cadáveres de barro**

O novo espectáculo de Hotel Modern intitula-se **KAMP**. Título que descreve bem o tema. **KAMP** – trata de um dos campos de concentração mais bárbaros da história: Auschwitz. Hoje, enquanto as últimas testemunhas vão desaparecendo, os actores pensaram que seria o momento de tomar a seu cargo as suas memórias. Jowi Schmitz introduziu-se com eles nos blocos.

### **Como promover um espectáculo particularmente tão sensível, que pode ser excelente mas que será certamente perturbador para muita gente?**

Pauline Kalker, de Hotel Modern, abana a cabeça e sorri a meio desta pergunta.

**Kalker:** Pensámos incluir **KAMP** no *Guinness Book of Records*, como o espectáculo com o maior número de pequenas figuras de todos os tempos. Mas não chegámos a fazê-lo: não tínhamos a certeza se era uma boa ideia ou não.

Herman Helle, com o mesmo sorriso:

**H.H.:** E também não sabíamos se contariam as pequenas figuras que fazem de cadáveres.

Uma maquete enorme cobre o chão de um estúdio etéreo. Filas de blocos, peças calcinadas, uma estação de caminho-de-ferro cheia de vagões-brinquedo. É o silêncio. Uma mulher está sentada a um canto, numa pequena mesa, consertando as cabeças de um batalhão inteiro de bonecos de ferro. As cabeças minúsculas têm, cada uma, a sua expressão própria, são feitas de barro.

Ruud Van der Pluijm, responsável pelo som, está sentado à direita da mulher. Carrega num botão e ouve-se uma combinação vibrante de golpes e fricções. Um som artificial, não completamente realista, algo onírico.

Como uma cruel variação da Rua Sésamo, no ecrã, por detrás da maquete, surge uma marioneta, que espeta uma agulha noutra marioneta. A vítima é um prisioneiro, como o indica o fato às riscas. Está pendurada pelos braços e oscila, impotente, sob o impacto dos golpes. Os ultrajes parecem produzidos por um prisioneiro que limpa o pavimento, de corpo e alma. Também lhe desferem um golpe, e cai.

A câmara que filma esta bestialidade hesita, roda ligeiramente e mostra os dedos gigantes que animam as marionetas. "Podes repetir a detonação, Ruud?" ouve-se uma voz ao fundo do estúdio, e só então surgem os três elementos de Hotel Modern, caindo de joelhos entre os blocos: Pauline Kalker, Arlène Hoornweg e Herman Helle.

## Não “apenas” teatro

**KAMP** trata de Auschwitz, literalmente. É o retrato de um lugar. Um retrato de guardas e de prisioneiros, de uma fábrica de extermínio de pessoas.

Para começar, vemos **KAMP** do exterior. Chega o comboio, os prisioneiros descem e são levados directamente para as câmaras de gás. Um homem frágil passa com um carrinho de mão, junta-se a outro grupo de homens, que enchem o carrinho de cinzas. O público recebe binóculos para ver bem as marionetas, mas aos poucos os actores vão ajudando, fazendo grandes planos das imagens com a câmara. Através de câmaras instaladas nos dedos projectam na parede o que está a suceder nos blocos, ou no estaleiro de construção, por detrás do campo. “Primeiro, mostramos o rosto do campo, depois focalizamo-nos nas rugas”, diz Kalker.

A grande força da companhia Hotel Modern reside no facto de não fazer “apenas” teatro. Em todos os seus espectáculos há uma mistura de animação, cinema, teatro, som e um sentido apurado do detalhe. Esta forma de trabalhar valeu-lhes o excelente acolhimento do público, com o espectáculo **A Grande Guerra** (2001), sobre a Primeira Guerra Mundial. Nomeada para o Prémio VSCD Mime, ganhou o prémio do público no Festival aan de Werf e o troféu CJP do Theaterfestival.

**A Grande Guerra** desenrolava-se em grandes caixas colocadas no cenário, o mesmo método utilizado em **KAMP**. Pequenas câmaras gravavam tudo o que se passava no interior das ditas caixas, transpondo-o para o ecrã de forma ampliada. Um lança-chamas queimava a terra e carbonizava a copa das árvores, que na realidade eram pequenos ramos de salsa. Um soldado urinando observava o campo de batalha: duas pequenas botas onde se encontram dois dedos, um pequeno jorro de água. Ouve-se um disparo e as pequenas botas caem no chão. Flocos de neve, na realidade açúcar em pó, cobrem as botas. Hotel Modern inventou muitas e muitas imagens de uma beleza cruel.

**Kalker:** Em **A Grande Guerra**, havia texto falado. Misturámos imagens cinematográficas e as marionetas com cartas verdadeiras de um soldado para a sua mãe. Mas, para os holandeses, a Primeira Guerra Mundial parece um acontecimento muito remoto, devido ao tempo decorrido e à nossa neutralidade. É por esta razão que **KAMP** é um espectáculo completamente diferente. Sem texto. Com a palavra corre-se o risco de se transformar em algo excessivamente pedagógico.

## Abrir velhas feridas

Foram mais de sete meses que os actores dedicaram ao estudo do tema da Segunda Guerra Mundial e de Auschwitz. Leram Primo Levi, reviram Shoah, estudaram as fotografias e as gravações feitas pelos soldados russos. Quando libertaram o campo, os russos filmaram tudo o que ali viram, como uma forma de testemunhar a história. Outras fotografias de Auschwitz foram tiradas pelas SS e pelos médicos, preocupados em conservar os vestígios das suas experiências médicas. A partir de planos antigos, o artista plástico Herman Helle construiu uma enorme maquete. Em seguida, o grupo entrevistou cinco sobreviventes, de modo a obter uma ideia mais precisa do que se passava no KAMP. Posteriormente, convidaram-nos para o palco, de modo a mostrar os avanços do projecto.

**Hoorweg:** Foi muito estranho, uma senhora introduziu-se directamente na maquete e indicou-nos uma janela. "Aqui, estava eu", disse-nos, com o reconhecimento na voz. Depois, sinalizou outro bloco: "E ali preparava-se a comida".

Acima de tudo, o início foi muito penoso, devido a inúmeras reacções negativas do exterior. Para que querem abrir velhas feridas, perguntavam-nos. Com que direito irão contar esta história? A própria companhia passou por momentos de dúvida: se seria oportuno prosseguir com o projecto.

**Helle:** O mundo tornava-se lúgubre, depois de um dia a estudar Auschwitz. E mais, foi muito complicado encontrar a forma adequada. Percebemos que a imaginação desenfreada prestava um mau serviço à verdade.

**Kalker:** Sim, os alemães já tinham imaginado tudo.

Ainda por cima, a Segunda Guerra Mundial, e sobretudo os campos de concentração, até aquele momento pertenciam em exclusivo aos sobreviventes. Era um assunto tabu. Mas, uma vez que os testemunhos estão a desaparecer, a companhia considerou que tinha chegado o momento de tomar as memórias a seu cargo.

**Kalker:** Queríamos olhar e assimilar o passado à nossa maneira, com grande respeito.

**Hoorweg:** Ouve-se frequentemente dizer que os alemães fizeram qualquer coisa aos judeus. Como se se tratasse de dois grupos de população a que se é totalmente estranho se não se é judeu ou alemão. Mas o impacto do desaparecimento dos judeus numa cidade era enorme. Bairros inteiros deixavam de existir. A ideia de comunidade desapareceu completamente.

**Kalker:** E foram seres humanos que fizeram qualquer coisa a outros seres humanos. Por vezes, há a tendência para o esquecer.

**Helle:** Nesse sentido, por vezes pergunto-me quanto tempo falta para que Hitler se torne uma espécie de Napoleão. Como um pequeno homem, um louco de bigode, que um dia foi um ditador. E que, para ter graça, se faça a saudação hitleriana, ou que o imitemos nas nossas festas, como o fez há uns tempos Harry, filho do príncipe Carlos de Inglaterra.

**Kalker:** Estes actos evidenciam claramente as diferenças que existem em relação à percepção temporal da guerra. Para a nossa geração e para os mais jovens, esta percepção está mais distante, ao passo que as pessoas mais velhas ainda sentem estes factos muito próximos.

Todas estas descobertas e reflexões foram fazendo crescer gradualmente a convicção de que se devia seguir em frente.

**Helle:** A guerra está em toda a parte mas fala-se pouco dela. Já é uma boa razão. Não será, provavelmente, um espectáculo alegre – em tudo o que li, não encontrei uma réstia de esperança – mas a beleza estará nos pormenores. Na iluminação, no ângulo das câmaras. É noite, logo, desponta a aurora e o Sol começa a levantar-se, lentamente. Então, apesar de toda a desgraça, talvez possamos dizer: "Esperemos que hoje faça um dia bonito."

## Negociação logística

Marcel Lugtenborg, técnico, passa. Tem um pedaço de papel onde estão colados pequenos microfones. Senta-se perto do comboio e faz deslizar com cuidado o papel sob os carris. Helle vem ajudá-lo a empurrar o comboio de trás para a frente, vezes sem conta. Amplificado, o som torna-se, de repente, o das rodas de um comboio, zumbindo e atravessando o estúdio.

**Lugtenborg:** Uma vez terminadas as cenas, colocam-se os pequenos microfones sob o cenário, espalhados por toda a maquete. Então, ouve-se o som dos carros que partem, os passos dos prisioneiros, todo e qualquer movimento é captado. Mas os actores continuam à procura do sítio adequado para cada uma das cenas, por isso, utilizo provisoriamente apenas este papel com pequenos microfones amovíveis. De outro modo, nunca concluiria o processo.

Independentemente das implicações morais, cada cena é minuciosamente avaliada do ponto de vista prático. Afastando-se dos ensaios habituais com actores e um encenador, os dias de trabalho de Hotel Modern são, de facto, uma vasta negociação logística. Os pés de Hoornweg não aparecem no campo quando se desloca em direcção à outra câmara? Parecerá lógico que o pequeno homenzinho que estava inclinado sobre a pá esteja agora a comer sopa? Será necessário cortar toda a cena, porque não resulta convincente?

Se as cenas exigem uma atenção minuciosa, as marionetas – mais de três mil – necessitaram de mais tempo ainda. Uma equipa composta por seis pessoas trabalhou nelas durante meses. Resultado: 410 cadáveres; 2000 guardas de prisioneiros; e 630 civis. Cada marioneta corresponde a qualquer coisa como 400 mortos. E tudo isto, sem falar do arame farpado, dos carros, das pás, dos ratos. Nas caixas espalhadas pelo estúdio, lêem-se inscrições tão sinistras como: carros cheios de cadáveres ou mulheres com pulgas. Uma das caixas está repleta de cabeças.

**Helle:** Não é o nosso primeiro espectáculo sobre a morte e a guerra. Todas as técnicas que assimilámos nestes últimos anos, toda as nossas invenções, aplicamo-las agora. É como se ao longo deste tempo tivéssemos trabalhado para chegar até aqui.

A companhia interessa-se muito pela reacção do público.

**Kalker:** Como actor, o sentimento é duplo. Não é possível estar consciente, constantemente, do que se passou realmente. Mas, muitas vezes, esta consciência regressa inesperadamente e lança a sua sombra, toldando o nosso estado anímico. É necessário ultrapassar estes momentos.

Durante o espectáculo, estamos num estado de hiperconcentração e de concentração redobrada, quase como actores que representam papéis muito emotivos. Sabemos efectivamente aquilo que estamos a representar, sabemos efectivamente o que se passa na cabeça dos personagens, muito embora não nos possamos deixar levar pela emoção; o lado técnico mantém uma certa distância de segurança. Depois do espectáculo, não estamos propriamente contentes. Somos como mergulhadores que, depois de um mergulho profundo, regressam à superfície. Os aplausos proporcionam um momento de descarga, de intimidade colectiva, forjada durante o tempo em que estivemos todos juntos, num mundo diferente.

Kalker tinha uma razão particular para querer representar a Segunda Guerra Mundial. O avô morreu em Auschwitz. As lembranças dolorosas do pai foram abordadas no espectáculo anterior, de 2004, *De man met vijf vingers* (“O homem com cinco dedos”)

**Kalker:** Mas a história não acabava aqui. Havia mais coisas para contar, e queríamos ir ainda mais fundo.

Foi assim que se entrou em contacto com o seu tio, Ralph Prins, que fez o monumento aos mortos em Westerbork. Convenceu-me de que era possível fazer uma peça sobre Auschwitz, de alguma forma fazia parte do meu passado. Ajudou-me muito.

Em seguida, pensativa, acrescenta: Continua a ser penoso, Auschwitz. Toda a dor ali engendrada tem qualquer coisa de sagrado. É estranho fazer um espectáculo sobre isso. O que fazemos nós? Fabricamos marionetas que gaseamos e enforcamos. É um bocado louco, o que fazemos.

**Helle:** Não estamos loucos, somos é surrealistas.

**Kalker:** Bom, na realidade, estamos loucos. Reproduzir Auschwitz em miniatura...Não se faz, pois não?

**Jowi Schmitz**

**Tradução:** Mafalda Melo Sousa